



Gabinete de Filosofia Medieval  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**4 e 5 de Jan. 2008**  
**Sala de Reuniões**

Faculdade de Letras  
Via Panorâmica

**COLÓQUIO** Universalidade da razão, pluralidade  
de filosofias na Idade Média.  
Em memória de Pedro Parcerias

**Programa**

**Resumos**

Apoios: **U. PORTO**

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Departamento de Filosofia da FLUP  
Instituto de Filosofia (UI&D 502)

---

**Comissão Organizadora**

Maria Cândida Pacheco  
José Meirinhos (coord.)  
Mariana Leite (secretariado)

**Organização**

Gabinete de Filosofia Medieval  
Faculdade de Letras  
Via Panorâmica s/n  
4150-564 Porto  
[gfm@letras.up.pt](mailto:gfm@letras.up.pt)

**Secretariado e inscrições**

Gabinete de eventos e comunicação  
Colóquio GFM  
Faculdade de Letras  
Via panorâmica s/n  
4150-564 Porto  
[geci@letras.up.pt](mailto:geci@letras.up.pt) ; Telef. 22 607712

---

**Apoios**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
Reitoria da Universidade do Porto  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Instituto de Filosofia da FLUP  
Departamento de Filosofia da FLUP

## **Pedro Parcerias (21.02.1971 – 27.07.2007)**

### **In memoriam**

Com o colóquio *Universalidade da razão, pluralidade de filosofias na Idade Média*, o Gabinete de Filosofia Medieval recorda Pedro Parcerias, seu antigo membro recentemente desaparecido.

Pedro Miguel Gonçalo Parcerias, concluiu a licenciatura em Filosofia na Faculdade de Letras de Letras da Universidade do Porto em 1997 obtendo o prémio Eng. António de Almeida para a melhor classificação final do ano de 1996-1997. Na mesma Faculdade concluiria o mestrado e o doutoramento, desenvolvendo a sua actividade de investigação no âmbito do Gabinete de Filosofia Medieval / Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, de que foi membro entre 1998 e 2005. Enquanto aluno de mestrado frequentou durante 1999-2000 em Roma o Diplôme Européen d'Études Médiévales, coordenado pela Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales (F.I.D.E.M) e em que o Gabinete de Filosofia Medieval participa desde a sua fundação. Em 2001 defendeu a dissertação de mestrado *Duns Escoto, o pensável e a metafísica virtual*, dirigida pela Prof.<sup>a</sup> Maria Cândida Pacheco e publicada no mesmo ano na revista do GFM *Mediaevalia. Textos e estudos*. Durante o período de desenvolvimento da tese de doutoramento beneficiou de uma bolsa de estudos da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), tendo participado em colóquios organizados pelo GFM (cfr. publicações) e proferido diversas conferências no âmbito das suas actividades, nomeadamente *Heterogeneidade e afirmação do ente. Estrutura medieval da ontologia: consequências e rupturas* (14.03.2003), *Caos e evento: entre Duns Escoto e João de Ripa, notas para a construção de uma metafísica primitiva* (30.01.2004), *Multidão e devir: experimentalismo e produção ontológica in via Scoti* (08.04.2005). Tendo realizado investigação na Université Catholique de Louvain-la-Neuve e na Katholieke Universiteit Leuven, obteve em 2005 o doutoramento em Filosofia com a defesa da tese *Ente e devir: coordenadas e estrutura da metafísica in via Scoti* (sob a direcção da Prof.<sup>a</sup> Maria Cândida Pacheco), que será em breve publicada pela Imprensa Nacional Casa da Moeda e da qual foi entretanto publicada um excerto-súmula em *La pléthore de l'étant* (cfr. publicações).

Desde 2006 era bolseiro de pós-doutoramento da FCT com o projecto *Heterogeologia do tempo*, desenvolvendo investigação na Katholieke Universiteit Leuven e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a direcção de Éric Alliez e de Mário Santiago de Carvalho.

A 27 de Julho de 2007 ocorreu a inesperada morte de Pedro Parcerias, que agora os seus professores, colegas e amigos homenageiam.

## **Publicações de Pedro Parcerias**

### **Estudos**

- *Duns Escoto, o pensável e a metafísica virtual*, volume monográfico de *Mediævalia. Textos e estudos*, 19 (2001).
- «Os lugares da presença em Santo António de Lisboa», *Teoremas de Filosofia*, 4 (2001 – nº2) 31-38 / 5 (2002 – nº1) 67-72.
- *Pensar o excesso*, Edições Mortas, Porto 2002.
- «João de Ripa e o Conceito enquanto acontecimento metafísico», in Maria Cândida Pacheco - J. Francisco Meirinhos (eds.), *Intellect et imagination dans la Philosophie Médiévale. Actes du XIe Congrès International de Philosophie Médiévale de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale (S.I.E.P.M.), Porto du 26 au 31 août 2002*, in *Mediævalia. Textos e Estudos*, 23 (2004) 293-303.
- «Heterogeneidade e afirmação do ente: Duns Escoto e a estrutura da ontologia», *Revista Filosófica de Coimbra*, 25 (2004) 95-128.
- «L'événement, la vérité chaotique et le retour de la différence: un itinéraire ontologique de Whitehead à Jean de Ripa, à travers le concept de différence», in J. F. Meirinhos (ed.), *Itinéraires de la raison. Etudes de philosophie médiévale offertes à Maria Cândida Pacheco*, (Coll. Textes et études du Moyen Âge) Fédération Internationale des Instituts d'Études Médiévales, Louvain-La-Neuve 2005, 405-422.
- «Devir e tempo segundo João Duns Escoto», *Philosophia* (Mendonza–Argent) 2005 55-80.
- «Duns Escoto e o conceito heterogeológico de tempo», in *Actas do 1º Colóquio da Sociedade Portuguesa de Filosofia Medieval*, volume monográfico de *Mediævalia. Textos e estudos*, 2006 (no prelo).
- *La pléthore de l'étant: multitude et devenir in via Scoti*, Ed. Fieri, Matosinhos 2006.
- «Caos e evento : entre Duns Escoto e João de Ripa, notas para a construção de uma ontologia primitiva», *Revista filosófica de Coimbra* (2007).
- *Ente e devir : coordenadas e estrutura da metafísica in via Scoti*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 2008 (no prelo).

### **Poesia**

- *O anjo e o viador de bordel*, Edições mortas, Vila Nova de Gaia 1998.

### **Site pessoal**

- *Ontologia primitiva* : <http://ontologiaprimitiva.com>

## • Programa

### 4 de Janeiro

#### 9,30 : Abertura do Colóquio

Maria Cândida Pacheco (Universidade do Porto – IF/GFM)

#### 9,45-10,45 : Lição inaugural

Jürgen Miethke (Universidade de Heidelberg, Alemanha): Varieties in Medieval Political Theory in the 14th Century: Marsilius of Padua, Lupold of Bebenburg and William of Ockham on the Side of the Emperor in his Struggle Against the Pope

10,45-11,00

Pausa (Café bar)

#### 11,00-12,30 : Moderador Joana Serrado

Paula Oliveira e Silva (Universidade de Lisboa – CF): *Visio dei ineffabilis*: elementos da razão mística em Agostinho de Hipona

Daniela Silveira (Universidade do Porto – IF/GFM): O Mal em *De Consolatione Philosophiae* de Severino Boécio

José M. Silva Rosa (Universidade da Beira Interior): O ‘conflito de interpretações’ no *Tratado do Discurso Decisivo* de Averróis

12,30-14,30

Almoço (Cantina da Faculdade)

#### 14,30-16,00 : Moderador : José Filipe Silva

José M. Costa Macedo (Universidade do Porto – IF/GFM): Intellectus/Ratio em Escoto Eriúgena e Anselmo de Aosta. Um confronto

Maria Leonor Xavier (Universidade de Lisboa): Anselmo e Duns Escoto: algumas afinidades estruturais de pensamento

Vera Varjota Rodrigues (École Pratique des Hautes Études, Paris – post doc FCT – IF/GFM): «Universalis dicitur quasi communicabilis». *Scientia, fides e credulitas* em Teodorico de Chartres

16,00-16,30

Pausa (Café bar)

#### 16,30-18,00 : Moderador : Lídia Queiroz

Manuela Brito Martins (Universidade Católica, Porto): Os diferentes modos de pobreza no *Sermo de paupertate* do Pseudo-Grossteste

José Filipe Silva (Universidade do Minho – IF/GFM): A alma humana segundo Roberto Kilwardby

José Meirinhos (Universidade do Porto – IF/GFM): Existiu um “averroísmo lisbonense” no século XIV?

20,00 : Jantar (Casa Agrícola)

## **5 de Janeiro**

**9,00-10,30: Moderador : Daniela Silveira**

**António Rocha Martins (Universidade de Lisboa – CF):** Metáfora e Teologia. Dizer Deus hoje, segundo Boaventura

**Luís M. Augusto (University of Sussex – post doc FCT):** Eckhart e o 'Inconsciente'

**Joana Serrado (Universidade de Gröningen, Holanda):** *Was heisst Minnen?* A razão amorosa em Eckhart, Beguinas e Joana de Jesus (1620-1681)

**10,30-10,45**

**Pausa (Café bar)**

**10,45-12,15 : Moderador : Vera Rodrigues**

**Luis Alberto De Boni (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil):** “Praeter de te a philosophis praedicta, catholici te laudant omnipotentem” (Duns Scotus)

**Lídia Queiroz (Universidade do Porto – IF/GFM):** Estrutura e problemas em discussão no *De continuo* de Tomás de Bradwardine

**Mário S. de Carvalho (Universidade de Coimbra):** Aos ombros de Aristóteles (Sobre o não-aristotelismo do curso aristotélico dos primeiros jesuítas de Coimbra)

**12,15-13,00 : Lição de encerramento**

**Josep Puig Montada (Universidad Complutense de Madrid, Espanha — Presidente da Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale):** Hasday ha-Sefardi y los apocrypha de Maimónides

**13,00 : Conclusões e encerramento**

**José Meirinhos (Universidade do Porto – IF/GFM)**

**13,30**

**Almoço (Shakesbeer)**

# Resumos

## **Augusto, Luís M.**

*Eckhart e o 'Inconsciente'*

O conceito de inconsciente foi primeiramente desenvolvido por Freud nos inícios do séc. XX, mas não nasceu -- nem morreu -- com ele. Eckhart, embora não tenha delimitado o conceito, falou de aspectos que têm claramente a ver com o inconsciente; nomeadamente a sua noção de conhecimento absoluto como não-conhecimento ou, mais metafóricamente, como um 'abismo' (*abgrund*), e a sua definição do intelecto como um '*topos*' caracterizado pela ausência do espaço-tempo e do princípio lógico da não-contradição, permitem uma aproximação quer com o inconsciente dinâmico de origem freudiana, quer com a cognição inconsciente investigada pela psicologia experimental contemporânea.

## **Carvalho, Mário Santiago de**

*Aos ombros de Aristóteles (Sobre o não-aristotelismo do curso aristotélico dos primeiros jesuítas de Coimbra)*

Noutra ocasião pude começar a esboçar o que poderia vir a ser uma pesquisa sobre a presença dos vários «neoplatonismos» no comentário português do século XVI a Aristóteles, mais conhecido por Curso Jesuíta Conimbricense. A propósito do paradigma de leitura aqui alvitado poder-se-ia evocar que a maneira como Hegel estigmatizou a relação dos seus contemporâneos, sobretudo franceses, com Aristóteles (*VGPh* II 133) – atribuíam-lhe cegamente afirmações sem se preocuparem em verificar se elas se encontravam nos seus escritos –, cabe também para algumas leituras impressionistas ou ideológicas dos Jesuítas em nossos dias. Sabemos que ao lado do Macedónio Agostinho era uma autoridade do século e também não desconhecemos que os autores destes comentários lusitanos não se eximem de apelidar o Pseudo-Dionísio Areopagita como «príncipe dos Teólogos». O próprio Tomás de Aquino havia praticado o método de suprir as lacunas de Aristóteles recorrendo a Agostinho e também a Dionísio. Acresce, por fim, a presença do «hermetismo» e da tradição patrística. Assim, em busca de um «contrabando» de ideias (Copenhaver) em comentários aristotélicos, seguiremos os seguintes passos sobre outras tantas páginas (*In de Anima; In Physicam; In De Generatione. et Corruptione*): exame da definição de filosofia; da antropologia e da epistemologia; do tempo imaginário.

## **De Boni, Luis Alberto**

*“Praeter de te a philosophis praedicta, catholici te laudant omnipotentem” (Duns Scotus)*

Quando os teólogos medievais tratavam do conhecimento que o homem possui a respeito de Deus, costumavam desdobrar a questão em duas perguntas: *an Deus sit* (se Deus existe) e *quid Deus sit* (o que é Deus), ou melhor: *quid Deus non sit*. Duns Scotus, tal como a maioria de seus colegas após Tomás de Aquino, defende que a afirmação “Deus existe” não é evidente por si mesma e que a existência de Deus pode ser demonstrada apenas por um argumento *quia*, isto é, a partir do efeito para a causa. Quando, porém, se trata de saber “o que

é Deus”, constata-se que, para Scotus, o alcance da razão é bem limitado. Pode-se provar que Deus é simples, dotado de intelecto e vontade, que é infinito, e disso podem ser deduzidas filosoficamente outras perfeições. Diversos outros atributos, porém, só podem ser conhecidos através da revelação, tais como o de que ele é incomensurável, omnipresente, justo, clemente, providente e, de modo especial, que ele é onipotente, na forma como os católicos compreendem esta palavra (*secundum intellectum catholicorum*). É sobre a noção de onipotência divina que trata o presente trabalho.

### **Macedo, José M. Costa**

*Intellectus/Ratio em Escoto Eriúgena e Anselmo de Aosta. Um confronto.*

Sendo certo que "intellectus", em princípio, se sobreponha a "ratio" na medida em que o conhecimento imediato é superior ao mediato e na medida em que a "ratio" tem como meta chegar ao fim do seu caminho e portanto tornar-se "intellectus", o certo é que, vista como actividade, a "ratio" activa, inquiridora, se sobrepõe ao receptivo "intellectus".

É o que se dá em Anselmo de Aosta que neste ponto se poderá contrastar com essa outra grande figura medieval que foi Escoto Eriúgena.

Comparam-se as razões da diferença (e da semelhança) entre os dois autores, como duas antropologias da racionalidade. Representa Anselmo um salto? Se assim for, que significa? Que linhas inaugura?

### **Martins, António Rocha**

*Metáfora e Teologia. Dizer Deus hoje, segundo Boaventura*

«Cogitare nihil aliud est quam quid est, quod dicitur, intelligere.»  
S. Boaventura, *I Sent.* d. 8, a. 1, q. 2 (I, 154a).

É possível pensar o Deus divino? Como é que o pensamento pode pensar Deus distinguindo o próprio Deus da respectiva ideia/conceito? Como é que o pensamento sabe que Deus é Deus? O que significa *pensar*? Na presente comunicação propomo-nos apreender a posição bonaventuriana sobre o conhecimento de Deus, e, simultaneamente, mostrar como o Autor responderia à pergunta sobre «como dizer Deus hoje», isto é, após o «anúncio da sua morte», é possível ainda pensar e continuar a dizer Deus? Não é certamente a questão de Deus que entra em discussão, mas, nela, a da linguagem, que experimenta aí a sua prova de fogo. A redução do real aos seus sinais seria uma insensatez semelhante à que identifica Deus ao que sobre ele a linguagem diz. Deus não é subsumível nas condições humanas da experiência do divino. Anunciando Descartes (*intelligere* contrasta com *comprehendere*) ou Kant (pensar não é conhecer), Boaventura responde associando – e não separando – metáfora e teologia. A teologia, cujo objecto é o credível não enquanto credível mas enquanto inteligível (*credibile ut intelligibile*), constitui-se na retomada da metáfora, apresentando-se desse modo como resposta ao desafio simultaneamente da cognoscibilidade e não-conceptualidade do divino. Cremos que Boaventura antecipa, nesse sentido, a redescoberta contemporânea do valor cognitivo, heurístico e hermenêutico da metáfora, uma vez que esta é entendida já como modalidade de constituição da própria racionalidade – não como mero instrumento de um pensamento prévio... Por outro lado, cremos igualmente que o Santo oferece um conceito de analogia que permite pensar a função da *semelhança* no interior do discurso poético – «nada se crê fora da razão».



**Martins, Manuela Brito***Os diferentes modos de pobreza no Sermo de paupertate do Pseudo-Grossteste*

A presente comunicação tem como intenção fundamental apresentar uma síntese do sermão *Beati pauperes spiritu*, atribuído, inicialmente, a Roberto Grosseteste (1168-1253). No entanto, apesar desta atribuição, os editores consideram que é improvável que o mesmo tenha sido escrito por Grosseteste. A temática deste sermão centra-se na noção de pobreza. O seu mais alto valor consiste em ser uma espécie de florilégio que expõe as diferentes definições de pobreza, dadas por vários autores, a partir, essencialmente, da *Sagrada Escritura* e da tradição filosófico-teológica. A edição crítica deste sermão foi efectuada por J. Mc Evoy e M. Dunne, a partir do manuscrito London, British Library, Royal 11 B III, e publicada em *Recherches de Théologie et Philosophie médiévales*. Depois de já termos efectuado a tradução, apresentamos, agora, a ideia central do sermão e a forma bem estruturada como o autor desenvolve a ideia de *paupertas*.

**Meirinhos, José***Existiu um “averroísmo lisbonense” no século XIV?*

A obra de Averróis exerceu uma profunda influência no pensamento latino, sobretudo na segunda metade do século XIII. A sua adopção por alguns sectores da Universidade de Paris, sobretudo na Faculdade de Artes, motivou profundas polémicas e tensas reacções, sobretudo por parte dos teólogos, em domínios como a antropologia, a filosofia do conhecimento, a metafísica, a cosmologia. Algumas das posições condenadas em 1277 na Universidade de Paris foram associadas à existência de uma corrente “averroísta” que seguia um “aristotelismo radical”. A afirmação da autonomia da filosofia e da sua superioridade em relação a outras ciências, em particular a teologia, conduzia a chamada seita aristotélica a posições heterodoxas como a afirmação de um intelecto único e universal comum a humanidade, da mortalidade da alma humana, da eternidade do mundo e da espécie humana, da não racionalidade da ressurreição dos corpos e da criação, da superioridade da razão sobre a fé, etc. Álvaro Pais escreveu (em Lisboa e no Algarve?) a obra *Collyrium fidei adversus haereses*, obra terminada após 1344 onde fustiga Tomás Escoto, que não conhecemos por qualquer outra fonte. Tomás Escoto é apresentado como um provocador público, seguidor de Aristóteles e é acusado de defender em Lisboa uma série de heresias e outras posições directas ou indirectamente associadas com o “averroísmo”. Pela mesma altura, Afonso de Dinis de Lisboa, filósofo e médico do rei Afonso III, traduz do árabe para latim uma obra de Averróis, onde se defende que a existência do primeiro ser apenas pode ser demonstrado pela Física e não pela Metafísica, como Avicena pretendia. No Prefácio e no Posfácio a esse tratado, Afonso faz rasgados elogios a Averróis e manifesta um bom conhecimento da sua obra e admiração pelo seu exemplo político e cívico.

Esta comunicação propõe a interpretação das (1) posições de Tomás Escoto denunciadas por Álvaro Pais e das (2) orientações filosóficas de Afonso de Dinis, procurando o que em ambos há de coincidente e de divergente com as defesas e os ataques de que o “averroísmo” era então alvo, discutindo-se (3) a possibilidade da existência de um “averroísmo” lisbonense na primeira metade do século XIV.

**Miethke, Jürgen**

*Varieties in Medieval Political Theory in the 14th Century: Marsilius of Padua, Lupold of Bebenburg and William of Ockham on the Side of the Emperor in his Struggle Against the Pope.*

In this essay I want to show how theoretical thinking on political issues influenced and was stirred up by the questions of practical political conflicts. As an example I shall take political theories of the first half of the fourteenth century, when for the last time in the Middle Ages a burning conflict between the pope and the Roman Emperor was broken out and lasted for a long period of several decades. I want to show how different theories in different theoretical “languages” – according to their different scientific methods, but all within the scholastic scientific framework – were developing new insights into the structures of human societies which were to be of long lasting effects in later times. I start with a short overview over the situation of the political philosophy in fourteenth century Europe. Then I will look (first) at the Parisian Artist and Philosopher Marsilius of Padua. (In the second place) I will consider briefly the German lawyer and doctor decretorum Lupold of Bebenburg, how had been educated at Bologna University. Lastly, (in the third place) I shall go to the Oxford theologian William of Ockham. We have to shorten our remarks in each case, but I hope to be able to grasp the main and most important topics of our theme.

**Puig Montada, Josep**

*Hasday ha-Sefardi and the Maimonidean apocrypha*

Maimonides (d. 1204) fell victim to many apocryphal writings. The *Epistle to Rabbi Hasday ha-Levi at Alexandria* seems to be such a case. The text was first edited by A. Lichtenberg (1859) who did not doubt the authorship. A new critical edition was done in 1994 by I. Shaylat who wrote a prologue in which he argued for its apocryphal nature, although he believed that the addressee likely existed.

The Epistle contains a number of threads such as the possibility of knowing whether the world is eternal or not, the nature of prophecy, the Sinaitic revelation, the rational character of the Commandments, the essence of soul, the destiny of the Gentile nations, and the resurrection of the dead.

My purpose in this contribution is first to analyze the content of the response that focuses on pivotal issues of Maimonidean thought which were lively discussed in the Jewish communities. The discussion mainly took place on the northern shore of the Mediterranean and was also related to the reception of Averroes. The author of the Epistle was not likely to have lived in Alexandria, Egypt, but rather in the northern shore of the Mediterranean.

The author moved in this context although he cannot be aligned with the Jewish Averroists because he never goes as far in his interpretation as the Averroists did. His explanation of the Sinaitic revelation is the best example of how he was aware of a rationalistic interpretation, and how he backed away at the same time and resorted to the literal reading of the text to justify his attitude.

### **Queiroz, Lídia**

*Estrutura e problemas em discussão no De continuo de Tomás de Bradwardine.*

O papel dos “princípios primeiros” na estrutura do *De continuo* de Tomás de Bradwardine, tratado escrito no século XIV como reacção à emergência da defesa de um atomismo matemático na Universidade de Oxford. Relação com a estrutura axiomática do tratado e os "Elementos" de Euclides.

A trama demonstrativa de refutação da possibilidade de uma composição indivisibilista das grandezas contínuas.

### **Rodrigues, Vera Varjota**

«*Universalis dicitur quasi communicabilis*». *Scientia, fides e credulitas em Teodorico de Chartres*

Na *commendatio fidei* com que abrem as *Lectioes* - um dos três comentários ao *De trinitate* de Boécio que lhe são atribuídos - Teodorico de Chartres propõe uma distinção entre *fides* e *credulitas* cuja caracterização testemunha do profundo esforço de racionalização que marca o pensamento do autor do *Tractatus de sex dierum operibus*.

Fundada sobre o postulado da unidade, essa distinção apela a alguns dos aspectos mais expressivos do pensamento do mestre de Chartres. Podemos ver nela, desde logo, a adequação a esse humanismo ciceroniano pelo qual se encontra garantida a ordem humana e social, bem como a possibilidade mesma de toda a comunidade humana. Mas, e sobretudo, podemos ver nela uma reivindicação forte das exigências de verdade e de validade universal do conhecimento (enquanto *scientia*) - pelas quais, na sua relação à *theologia* enquanto parte superior da *speculativa*, a *fides* se distingue da *credulitas*. Esta releva com efeito da *opinio* e somente pelo assentimento, próprio à crença, pode aspirar à supressão da dúvida. A *fides*, por seu turno, repousa sobre a *scientia* - ou seja, sobre procedimentos racionais e sobre a utilização de argumentos (*rationes*) necessarias (*Glosa s. De trin.*).

Esta distinção apresenta assim uma grande coerência com a doutrina do conhecimento que encontramos nos três comentários, designadamente no que diz respeito ao carácter abstracto e unificante do conhecimento da *mathematica*, ao seu carácter demonstrativo ou ao papel da *ratio*. Ela veicula ainda, por outro lado, um tema que, sob formas diferentes, atravessa os diferentes textos atribuídos a Teodorico: o da expressão, ou da comunicabilidade, do conhecimento verdadeiro. Ou, dito de outra maneira: o das núpcias de Mercúrio e de Filologia.

### **Rosa, José M. Silva**

*O 'conflito de interpretações' no Tratado do Discurso Decisivo de Averróis*

A relação hermenêutica com os textos da tradição, especialmente com os textos considerados de revelação divina, nas tradições judaica, cristã e muçulmana, é um dos problemas fundamentais da filosofia, já que interpretar, *prima facie*, tanto pode significar a construção de uma narrativa total da história e de um sentido absolutos para a realidade, como, ao invés (pelo menos desde Nietzsche a esta parte), interpretar pode ser a melhor via para relativizar e denunciar as pretensões de uma razão moralista, universal e hegemónica, que desse modo "inventa" critérios transcendententes absolutos e valores perenes.

É sabido que a tradição latina, especialmente na Idade Média, v.g., desde Orígenes e Santo Agostinho, na linha da exegese alegórica de Filon de Alexandria, privilegiou uma hermenêutica plural e diferenciadora dos textos, a qual, escapando à armadilha da antropomorfização do divino, pretendia compaginar quer as exigências da racionalidade crente ("*fidei depositum*") quer os direitos da razão discursiva e a validade universal das suas conclusões. Verdade se diga, porém, como lembrou Henri de Lubac, o equilíbrio medieval encontrado entre «*os quatro sentidos da Escritura*» foi sempre situado, precário e *in fieri*, asserto muito actual, aliás, nesta «*idade hermenêutica da razão*».

*Mutatis mutandis*, foi também este «*conflito de interpretações*» que, no séc. XII e no âmbito da tradição muçulmana do Al-Andalus, Averróis reconheceu e tentou solucionar através de um exame jurídico-crítico do texto corânico. Mas essa indubitável *vontade de interpretar* terá resolvido o conflito ou tê-lo-á acirrado ainda mais? É este o problema, eminentemente actual, que se pretende discutir a partir do texto *Livro do Discurso Decisivo*, indevidamente considerado como fundador da teoria da dupla verdade, *sc.*, de uma das denegações mais contundentes da universalidade da razão.

### **Serrado, Joana**

*Was heisst Minnen? A razão amorosa em Eckhart, Beguinas e Joana de Jesus (1620-1681)*

Nesta comunicação tentarei esboçar um ponto de contacto entre a experiência mística de “amar” teorizado pelas Beguinas do séc. XIII, e do seu mais conhecido discípulo, Mestre Eckhart, e a faculdade psicológica da memória.

Num segundo momento tentarei estabelecer a transmissão desse mesmo conceito para a mística ibérica barroca, no trabalho da ainda desconhecida mística cisterciense Joana de Jesus / Joana de Albuquerque (1620-1681)

Esta investigação específica faz parte da conduzida na minha tese de doutoramento “The quiet ecstatic existence of Joana de Jesus. Mysticism and Philosophy in seventeenth century Portugal” em Teologia e Ciências Religiosas, Gröningen 2006-2011.

### **Silva, José Filipe**

*A alma humana segundo Roberto Kilwardby.*

Nesta comunicação apresenta-se a definição de “alma” proposta por Roberto Kilwardby (1215?-1279), bem como alguns dos problemas que essa definição coloca no contexto da psicologia (filosófica) aristotélica e agostiniana. Em particular a compatibilidade da sua definição da alma como forma e como substância, e no último caso, o esclarecimento relativo à terminologia utilizada na qualificação da natureza compósita da alma. Esse esclarecimento é fundamental para perceber a posição de Kilwardby no contexto das "Condenações" de Oxford de 1277.

### **Silva, Paula Oliveira e**

*Visio dei ineffabilis: elementos da razão mística em Agostinho de Hipona*

A proposta agustiniana de realização da forma humana é descrita como um itinerário de conquista da *beata uita*, cujo termo é a posse da *Plenitude*. Este facto instaura o paradoxo no interior da própria estrutura do ser humano. Dotado de uma razão mutável, ele tende à posse da Verdade imutável. Possuindo uma vontade contingente, ele é capaz de alcançar o Bem Comum. Um tal posicionamento obriga a colocar ao menos duas questões: quais as condições de possibilidade de ascese humana ao Bem Comum? Que tipo de experiência é essa, que extravasa os limites da forma humana? À primeira questão, Agostinho responde por duas vias: o bem comum alcança-se quer pelo esforço humano, quer pela iniciativa divina. Se no primeiro caso, se falará de ascese, neste último encontrará lugar o êxtase, ou *excessus mentis*. Ora, a experiência extática é caracterizada pela ausência de mediações entre a mente humana e a realidade divina. Por esse facto, Agostinho falará de uma *uisio dei ineffabilis*. Invisível por natureza, como se poderá ver Deus? Que tipo de visão é essa? Quais as características da mente que a alcança? É uma experiência inerente ao curso dos tempos, ou reservada para a eternidade? A resposta a estas questões permite compreender as razões da mística agustiniana, desvendando um itinerário que, da fé à visão, se propõe realizar o *finis optimus* do ser humano.

### **Silveira, Daniela**

*O Mal em De Consolatione Philosophiae de Severino Boécio*

A questão do mal está presente em todos os livros da obra *De Consolatione philosophiae*. É a problemática do mal (de que Boécio se sente vítima) que, em parte, faz brotar a discussão sobre o fim ético-moral do homem - o Sumo Bem ou Beatitude - e é a sua controvérsia que desponta as questões da Providência divina, do destino e do acaso que, por sua vez, implicarão um debate sobre livre arbítrio.

Nesta comunicação centrar-nos-emos, sobretudo, nos argumentos apresentados por Severino Boécio nos livros III a V, designadamente: 1. aqueles que demonstram a inexistência do mal e a impotência e miséria do perverso impune; 2. os que mostram de que forma as adversidades, encaradas pelo homem bom como má fortuna ou maldades, podem ser explicadas num sistema onde não há lugar para o acaso porque Deus tudo ordena e tudo conhece; 3. os que apresentam o homem como um ser livre e, como tal, responsável pelos seus actos.

### **Xavier, Maria Leonor Lamas de Oliveira**

*Anselmo e Duns Escoto: algumas afinidades estruturais de pensamento*

João Duns Escoto pode contar-se entre os continuadores de Anselmo, uma vez que acolheu favoravelmente o argumento do *Proslogion*, ainda que na sua singular interpretação. Mas, aquém e para além deste aspecto pontual de continuidade, há aspectos de afinidade estrutural de pensamento a estreitar os laços de razão entre os dois filósofos. Estes aspectos de mais profunda proximidade não têm que ser explicados exclusivamente por uma influência directa do legado de Anselmo no pensamento de Duns Escoto, mas acusam, a nosso ver, algo como uma família de pensamento ou de espírito, ou uma orientação filosófica de fundo, capaz de atravessar os séculos e de incluir as singularidades dos diversos pensadores que nela vão

tomando parte. Entre esses laços de razão, há uma afinidade fundamental ao nível da partilha de um mesmo princípio metafísico, que estrutura o pensamento quer do Doutor Magnífico quer do Doutor Subtil. Trata-se do princípio da irreflexividade das relações essenciais do ente, que Duns Escoto enuncia, como *prima conclusio*, no início da sua análise comparativa das ordens essenciais do ente, no *Tractatus de Primo Principio*. Duns Escoto assume de Agostinho a inspiração deste princípio, mas é na metafísica de Anselmo que aquele revela a força de um princípio estruturante, antes mesmo de expandir o seu alcance na metafísica escotista. O nosso propósito, nesta comunicação, é analisar alguns aspectos do percurso daquele princípio metafísico através do pensamento de Agostinho, do de Anselmo e do de Duns Escoto, permitindo agregar os três pensadores numa mesma família de espírito ou orientação filosófica de fundo.

## **Índice de participantes**

Augusto, Luís M., 8, 9  
Carvalho, Mário Santiago de, 8, 9  
De Boni, Luis Alberto, 8, 9  
Macedo, José M. Costa, 7, 10  
Martins, António Rocha, 8, 10  
Martins, Manuela Brito, 7, 11  
Meirinhos, José, 7, 8, 11  
Miethke, Jürgen, 7, 12  
Pacheco, Maria Cândida, 7  
Puig Montada, Josep, 8, 12  
Queiroz, Lídia, 8, 13  
Rodrigues, Vera Varjota, 7, 13  
Rosa, José M. Silva, 7, 13  
Serrado, Joana, 8, 14  
Silva, José Filipe, 7, 14  
Silva, Paula Oliveira e, 7, 15  
Silveira, Daniela, 7, 15  
Xavier, Maria Leonor Lamas de Oliveira, 7, 15